



Bismark

Vejo que a civilisação é a paz alternada com a guerra; que a permanencia indefinida de qualquer dos dois estados significa a fadiga, o desinhamento, a ruina, a miseria, a annulação. Se existem constituições independentes, nacionalidades viçosas, cuja vida data de tempos remotos, é que tão grande longevidade nasceu de um logico acordo, de uma habilissima combinação entre a guerra e a paz.

Com certeza.

O canhão deve rebentar, ou para abrir caminho ao legitimo desafogo das populações desenvolvidas, ou para sumir na voragem dos combates a superabundancia de braços. O canhão deve emmudecer onde principia o goço dos beneficios que a continuaçao das hostilidades degeneraria. Quando o amor da victoria não é só a significação de uma necessidade, mas tambem a paixão exclusiva da gloria, então a guerra, conquistando demais, enfraquece duplamente os seus heroes, a quem os golpes da luta ceifa, e a extenuação desbarata e isola entre as multidões inimigas.

Os povos que sizeram da conquista o elemento principal e continuo da sua existencia, o triunfo predilecto da sua vida politica, conseguindo evadir e quasi dominar o mundo, foram os que mais depressa desapareceram das cartas geograficas; e cousa semelhante aconteceu aos exclusivistas da paz, aos inimigos de sangue, aos evange-

listas da perfectibilidade humana; aos republicanos, socialistas e communistas.

Onde estão os Saints Simon, os Owens, os Fourier, os Louis Blanc, os Cabets, e os Proudhons?

Dormem uns no silencio eterno do tumulo, vegetam outros no recinto domestico, e da memoria de qualquer, apenas, na maçonaria, algum neophyto philosophico se aproveita para firmar o seu nome de guerra, mitigando, por este pacifico modo, as saudades dos bellos tempos dos tribunos populares.

O proprio Victor Hugo, o gigante litterario e poetico do seculo, clama no deserto. As suas obras, rasgando toda a massa muscular do progresso actual, mostram, com o mais deslumbrante e fixo colorido, que o esqueleto d'este monstro contem na medula principios energicamente deleterios; mas nem os que as leem com intelligencia, nem os que não as entendem, se movem para a urgente revolução.

Pôde ser que no fundo de tão grande e inexplicavel desprezo se esteja forjando um tremendo vulcão. Não duvido. O que é certo, porém, é que até o presente, ainda não estoírou o cataclismo que ha de sumir nas camadas subvertidas as raças de sangue excepcional, e que mui dificilmente se dará um tal acontecimento.

As doutrinas de 1848 exaltaram os espiritos. Falar em outra cousa que não fosse igualdade, liberdade e fraternidade, era estar fóra das tendencias

sublimes da época, deshonrar a dignidade humana, revelar um coração ferino, uma intelligencia curta, um cerebro idiota, uma ignorancia crassa. Rebentou a revolução, do seu triumpho surgiu a república, e sobre o primeiro altar d'esta benefica religião collocou o suffragio universal o vulto idólatra do ameno Lamartine.

Que resultou, porém, de se ter salvo a sociedade francesa?

Extenuado pelas fadigas de uma luta encarniçada, e embriagado pelos perfumes da poesia, o povo adormeceu, e tão profundamente, que não havia despertal-o. Tinha razão; mas como tudo isto manifestava uma paz com todas as tendências para a inalterabilidade, houve logo quem dissesse que a felicidade terrestre florescia sobre um abysmo. Esta revelação, assaz semelhante ás predicas dos santos padres, estremeceu os somnolentos no seu leito de rosas, e accordou-os. A consciencia do proprio abatimento reanimou a memoria dos tempos heroicos; mas nem o espirito nutria já a chamma do entusiasmo, nem o corpo tinha o vigor preciso para levantar o immenso estandarte das glorias belicosas.

Neste lance angustioso, votou-se pela aventura. Depoz-se nos braços do prestigio de familia, o que não podia confiar-se ao prestigio dos factos. Correu-se o pano ao proscenio do grande theatro da obscuridade, em cujo fundo jazia a figura pouco volumosa de Luiz Napoleão; e a datar d'este momento todos sabem o que se passou.

Veio o memorável 2 de dezembro, que mudou radicalmente a face da consciencia e da governação, porque se riscou nesse dia, do dicionario politico, o valor religioso do juramento; porque se converteram os ariaiais da república em verdadeiro circo de martyrio, onde o ridiculo, monstro galhofeiro que derriba com um sorriso, e estrangula com uma gargalhada, satisfez o seu atroz appetite. Fecundaram-se os óvulos esquecidos d'essa aguia enorme, que, ferida mortalmente em Waterloo, fôra cair entre os rochedos da ilha de Santa Helena, e foi o suffragio universal, o mesmo que na vespera havia proclamado a liberdade rainha da civilisação, que os chocou e criou as novas aguiashinas que, no seu primeiro vôo, abririam com as pontas das azas as portas do imperialismo, e gravaram com as garras, aguçadas no desespero do exilio, condenação das cousas e dos homens, sobre cujas ruinas e infortunio, poíram e firmaram o seu domínio. Trancou-se tudo aos primeiros apostolos da liberdade e da civilisação, e apenas se lhes deixou dois caminhos para escolher: o deportamento ou a retratação.

Vio-se, então, Girardin rasgar, á face do universo attento e absorto, as paginas brilhantes da sua eloquencia social, e mergulhar, em seguida, nos pantanos do absolutismo, facto que mancharia irremediavelmente as alvás vestes da democracia, se esse sol immenso que, na constellação dos grandes homens immaculados, se chama Victor Hugo, não continuasse a inundar de luz os campos onde se peleja a causa da humanidade.

Depois, constituiu-se nas baionetas a força do direito; fundou-se na agressão a legitimidade absoluta do respeito; declarou-se a honra patrimonio exclusivo dos poderosos; revestiu-se a paz com os atributos da guerra; deu-se a esta os fôros de civilisação; e o mundo aceitou o programma, cobriu o auctor de prestigio, e proclamou-o Jupiter do novo Olympio politico, onde, mais tarde, veio tomar assento notável o conde de Bismark, esse vulto prussiano que as espingardas de agulha mostraram, ha pouco, tão distintamente, ao clarão de seus tiros; o grande diplomata da actualidade que segue, na applicação á politica do seu paiz, as theorias do autocrata da Europa, as theorias que hão de, ou tem já, talvez, atropelado gravemente os direitos mais sagrados dos povos.

E pois que consegui aportar ao assumpto da gravura, o que já tinha reputado impossivel, direi que Bismark é homem proprio para figurar excepcionalmente nos tempos presentes, porque assim o mostram as cruezas da sua carreira militar e diplomatica; porque assim o comprova a energia selvatica com que invadio quasi toda a Allemanha. Suposseram muitos que o primeiro ministro de Frederico Guilherme não era mais do que um simples instrumento de Napoleão, e eu fui do numero. Hoje, porém, nutro opinião inteiramente contraria.

Em presença dos ultimos acontecimentos, vejo que Bismark é um rival temivel do imperador dos franceses; que das Tulherias para o gabinete de Berlim não partem já senão faiscas de ciume, e que se o fogo pegar, só Deus sabe até onde o incendio chegará.

NOGUEIRA DA SILVA.

A GALATÉA MODERNA.

X

O Serão.

Já ia noite fechada, quando Violante e Alfredo entravam em casa. Ouvia-se um fallar ruidoso e folgazão na sala do trabalho, *sancta-sanctorum* dos intimos da casa, tabernaculo sobre cujas aras havia sempre nocturno sacrificio ao deus-voltarete. Como o homem justo de Horacio, podia o mundo subverter-se, cairem imperios, baquearem thronos, que o voltarete havia de continuar a sua indisputada tyrannia sob o tecto do velho solar, quasi alluido. E que o voltarete é mais do que um jogo, é uma religião, um sacerdocio. Os que um dia, e dia afortunado é esse e muito de relembrar em horas de angustia e tristura, quando o desalento bate ás portas e vem aninhar-se com o seu cortejo no coração como os vermes em recente campa; os que um dia penetraram os sacrosantos mysterios do voltarete, os delirios de uma cosca bem pensada e ruminada, os entusiasmos de um *voltarete de respeito em copas*, o delirio clamoroso e irrompente de um *geral*, a ironia pungitiva e lancinante de um *codilho*; os que hão experimentado todas estas peripecias uma vez, que seja, na vida, tocaram a meta da felicidade humana. e só lhes resta o cair no abysmo.

Eu, que ora estou aqui escrevendo estas linhas, no desconforto de umas paredes velhas fronteiras, batidas por um sol requeimante, sinto vivas saudades de algumas noites, que se me foram no conversar íntimo com dois amigos a respeito do voltarete.

Era uma noite de verão. Estavamos em um quarto rente com o jardim, já amarellecido e despoulado, e para o qual defrontavam as janellas. Corria uma brisa do mar, que açoitava docemente a luz, a qual tremia e de quando em quando deitava-se docemente sobre a vela de stearina como se quizesse reposar de tanta vigilia.

Começámos de jogar com brio, com a ancia de verdadeiros fanaticos. Mas foi-se-nos esmorecendo pouco a pouco o vigor. Aos ruidos do triumpho e ás amarguras não menos ruidosas da derrota, sucedeua a melancolia, aquelle dulcissimo balsamo, que goteja do coração dos não desrididos, porque o coração do que tem fé é como a ambula dos santos oleos, que conforta e anima o mesmo moribundo nas vascas do tormento.

Tocados todos tres do deus ignoto, que se entrincha cá por dentro, e cá vive para conversar comnosco e alentar-nos em horas de silencio, quando o mundo palrador se cala e só murmura a consciencia, que, mensageira divina, vae do homem a Deus, encontrou-nos a aurora abraçados á melancolia, que entornára por sobre nós a sua urna de saudades !

Eu, desherdado e sósinho no mundo, revoluteando ao sabor do vento, como a folha que caio da arvore e tombou para o valle, cantava mansinho umas harmonias da *Favorita*, dessa obra divina, ultimo lampejo de um moribundo ; o meu amigo *** scismava, relembrando uns amores mal extintos, que lhe requeimaram o coração e lhe enbranqueceram os cabellos ; e o outro, aquelle esforçado contra a sorte, aquelle gladiador contra o destino, sorria amargamente, rememorando os seus rudes combates, em que a vida se lhe vae.

Erguemo-nos todos, que lá por fóra começava já a vida, e o mundo pintava o rosto devasso para continuar a comedia de gargalhadas que encobrem dores. Erguemo-nos, pobres poetas, que era necessário envergar a armadura para o combate. São assim os desherdados que até a solidão lhes foge. A thebaida, só a tem quem a pôde comprar a peso de ouro. O flagicio, que retempera a alma e a avigora com as dores do corpo, já não ha um remâncoso claustro que o dê.

Erguemo-nos. Que faziamos nós ali ? Já não tinhamos a solidão.

Mas quão longe me vou do serão do velho fidalgo ! .

Começára já o voltarete ; a tripode estava completa. Eram tres os parceiros, que o voltarete de quatro é pouco usado nas provincias. E tem rasão os provincianos, derradeiros cultores do jogo de nossos avós. Teem rasão. Ha uma certa voluptuosidade em formar a satírica triologia, até no jogo. O quarto é sempre um intruso, uma excrecencia,

um homem, que quer ver acabada a mão para lhe chegar a sua vez. É um egoista, que está ali com o unico fito de tripudiar sobre as ruinas dos parceiros. Que o feito ganhe ou perca ; que o fraco codilhe ou o forte entregue o jogo, pouco importa. O que elle quer, o derramado egoista, é jogar. Tudo mais lhe é indiferente.

Eram pois tres os jogadores ; e eram só elles que poveavam a vasta quadra, em cujo meio se erguia a meza de jogo, com um enorme candieiro de tres bicos, todos accesos. Eram tres figuras meditabundas, entregues d'alma ao demonio do jogo. Acurvados, mirando as cartas, ordenando-as, calculando *in mente*, tentando adivinhar o pensamento dos outros, ora falladores, ora silenciosos, disputando a proposito de uma carta mal jogada, e mimoseando-se de industria com bem cabidos motejos e chufas, que apenas lhes beliscavam a dura epiderme, taes eram os tres jogadores, victimas e vassallos do voltarete, d'esse tyranno domestico mais imperioso e mais cheio de caprichos do que um rajah do oriente.

Um dos jogadores era o morgado, que apresentámos já em outro lugar, e que, como fidalgo de nobre linhagem, chamava-se D. José Maria de Vilhena Gualdim de Mattos, etc., etc., etc. Era fidalgo de casa-real de juro e herdade. Andava-lhe o foro na familia havia séculos. Os seus antepassados foram capitães de cavallos, em tempos mais felizes ; tiveram pelos modos direito de barão e cutello, como quem diz, enforcavam e degolavam. No porte e no gesto e na phrase estava-se revelando o homem, que, atraç de si, conta uma raça antiga e nobre, que durante séculos depuraria o sangue e acrisolara essa realeza, que Deus pôz no coração do homem, quando animou a argilla.

O outro conviva era o cura. Quizera eu alancear-me aqui a um capítulo obumbrado sobre o caracter divino do sacerdocio em geral, e sobre o singular caracter do cura em especial. Livre-me Deus de ruins tentações. O nosso bom cura era simplesmente uma pobre alma, toda carinhos e meiguices para os que soffrem, incapaz de elevações, voando terra a terra como a andorinha, e, como ella, destruindo os vermes, que estragam a ceara do lavrador. O pobre cura nunca amara. A tempestade das paixões nunca se desenfreára pelo seu coração. Era um homem bondoso, singelo, pouco instruido, porque lia mais o breviario, a biblia e o evangelho, do que todas as conferencias dos zelosos philosophos tonsurados, que ainda hoje, fundando-se em S. Agostinho e Tertuliano,, andam a exorcismar a sombra de Spinoza. O cura dizia a sua missa das almas, visitava os doentes e com elles repartia os parcós haveres da minguada congrua, rezava as suas rezas e nunca ouvira fallar em Wiseman. Bem se lhe importava elle com o diluvio e com a geologia. Os fosseis, lá para elle, são os taes que se lançam em controversias ociosas, de que hão de sair mal, porque a igreja é uma necessidade social e moral, e, até, se quizerem, uma instituição politica, mas não é um monumento scientifico. Isto diria o bom do cura, se soubesse do que vae por esse mundo. Mas

n'esse tempo nem se fallava de Renan, e o singelo pastor queria-se com as suas ovelhinhas e com a sua igreja campestre, toda arraiada de rosmaninho em dia de festa.

Verdade é que o seu parco latim não lhe permitia divagações contra os *Strausses* do seculo, e o ancião saíra do seminario, longos annos havia, mais afortunado com a sua quasi ignorancia estribada na fé, do que com a meia sciencia d'esses evangelistas palradores, que por ahi abundam.

No que o cura dava *sota* e *az* era no voltarete. E agora mesmo, o desgraçado juiz de paz do concelho, lavrador ricaço e de bons teres, posto que soez e bronco, valeu-se de todas as suas artes para fazer descambiar um codilho em uma resposta, cousa, que muito arrenegou o padre, e com a qual muito folgou o fidalgo, porque via mais um *remissa*.

— Cousas do ofício, exclamou o morgado, balrando as cartas. O padre diz missa, e o nosso juiz, que é homem tambem de paz, faz remissa. Eu, que, a final de contas, sou um velho militar, apesar da carta constitucional, represento a espada de Brenno e hei de levantar o bolo.

— Abaixa-te e eu te elevarei, diz o evangelho. Os fracos cantam sempre victoria, quando os valentes não confiam de Deus.

→ Isto é coima, que eu pago, respondeu o juiz, que se estava lembrando do ofício.

Nisto entraram os dois primos.

— Ora até que em fim voltaram do passeio romantico, disse o morgado beijando a filha, ao tempo que apertava a mão de Alfredo.

— E que passeio! interrompeu a donzella, ainda com a animação do caminho, rosada e arquejante.

— Então aonde foram esparecer o aborrecimento deste velho casarão, e do velho pai.

— Um pai sempre é novo para a filha, que o ama.

— E para o moço amigo, que o respeita.

— E para o parceiro, que perde, resmoneou o juiz, o qual, quando se agastava, tinha intervallos lucidos, com o que não se gosavam muito os clientes, que, se obtinham uma decisão justa, era depois de sofrerem as zangas, agravos e alguns sotaques physicos á mistura. Santo juiz de paz, que para ser justo, carecia de começar pela tyrannia!

Felizmente, porém, o fidalgo não o ouvia e exclamou jubiloso :

— Agradecido, filhos. Sois a minha ventura. E tu, minha Violante, que me pareces uma rosa, deixa-me respirar os teus aromas. Tu também, Alfredo, representante de uma illustre e honrada familia, filho do meu primeiro amigo de infancia, vem sentar-te aqui ao pé de mim. Aqui, aqui no coração é que vos quero, bem unidos como vergonheas do mesmo tronco, como flores que viçam com a mesma seiba. A morte ha de chegar, e em vós, só em vós, cá me fica a saudade da vida.

E o velho começou a chorar; mas as suas lagrimas eram de consolação. Não lhe marejavam os olhos, antes os tornava mais limpidos, para que nelles se espelhassem os rostos gentis d'aquellas flores que viçavam com a mesma seiba.

— *Beati qui lugent*, tartamudeou o padre, que tambem sentia um enterneçimento a embargar-lhe a voz.

A cabecinha formosa de Violante encostou-se ao hombro do pai, cujos cabellos se confundiam harmonicamente com as longas tranças da filha. Alfredo, erecto, algum tanto sombrio, antevedendo talvez negras nuvens no futuro, agarrava as mãos do seu velho amigo com os modos severos de Pythagoras, quando duvidava das palavras do mestre ionico.

O sacerdote, com a voz tremula e o corpo alquebrado, parecia estar-se revendo, em uma scena do evangelho.

Só o juiz de paz, cada vez mais *bellicoso*, e por isso mais *lúcido* reconcentrava a attenção na remissa, e jurava levantá-la por intermedio dos *azes*, que elle ajuntava na mão muito sorrateiramente.

E digam lá que as scenas patheticas não inspiram até o aldeão mais boçal, ainda que seja juiz de paz!

A. O. DE VASCONCELLOS.

(Continua.)

OS DOIS RAPAZES

Quadro de Morillo

Se se quizesse começar a historia das bellas artes em Hespanha com as primeiras tentativas, seria preciso remontar ao decimo seculo, e talvez mais longe. Estas tentativas consistem em miniaturas executadas nos manuscripts. Como por toda parte, vê-se ali dominar o estylo byzantino, depois o estylo gothic. A Alhambra contém notaveis spécimens d'este ultimo, que, segundo toda apparencia, são devidos a Hespanhóes, porque a lei religiosa não concedia aos Mouros que exercitassem as artes em gesso. Estes trabalhos ornam os tectos de algumas salas. Um d'elles corre ao longo das paredes, e representa uma caçada; de um lado, vêm-se Arabes; do outro, cavalleiros christãos. Outro desenho offerece á vista uma audiencia de Mouros; um terceiro, em sim, combates entre Hespanhóes e infieis. Todos estes trabalhos, porém, mostram ser do decimo quinto seculo. Foi por esta época, que a arte na peninsula começou a desenvolver-se e a produzir obras importantes. Schepeler descreve assim as qualidades particulares da escola iberica no seculo XV. «O colorido não tem tanto brilho como o dos antigos pintores germanicos; é, porém, mais suave; parece que fluctua um véo sobre a imagem: a execução é grandiosa. Mais tarde, a escola veneziana encantou os Hespanhóes; o seu amplo desenho e vigoroso colorido concordavam com o estylo nacional. Acrescentai a isto um grande arrojo de pincel, uma facilidade em reproduzir as concepções de uma imaginação ardente, e tereis os traços distintivos da escola hespanhola.»

O seculo dezesete viu a arte hespanhola attingir o mais elevado grão d'esplendor. A influencia italiana juntou-se então a imitação de Rubens e de Van Dyck. Sabe-se que o primeiro visitou a peninsula. As diferentes escolas delineam-se fa-



Os dois rapazes

scilmente; a de Sevilha produz o maior numero de homens celebres. No principio do seculo, nasce e desenvolve-se; pelo meiado, desenrola todo o seu brilhantismo. Entre os seus fundadores, notam-se Roelas e Francisco Herrera; Roelas introduziu em Hespanha o colorido veneziano; imitava a natureza com grande perfeição, e sabia ennobrecer-lhe as fórmas. Cheio de ardor e de coragem trabalhava constantemente; as igrejas de Olivares, de Sevilha, de Madrid, as academias de Aranjuez e de Cordova estão cheias das suas obras. Herrera pintava de um modo arrojado, até então desconhecido. Executava com uma especie de furor; o seu caracter não mostrava menos arrebamento. Servia-se de juncos para desenhar e de brochas para applicar o colorido. Quando estava apressado, mandava a criada espargir sobre a tela tintas diversas, ao gosto d'ella, e, em sequida lançava mão dos pinceis e deitava-se com

frenesi ao trabalho, mudando, em um abrir e fechar de olhos, os borrões em figuras enroupadas e de grande caracter. Este é um facto que não admite a menor duvida. Juan del Castillo e Vásquez pertenceram á mesma época; suas obras, como quasi todas as da escola hespanhola são em extremo correctas, e em grande numero; o colorido, porém, em algumas d'ellas não apresenta grande brilho, e resentem-se de uma grande falta de sentimento e suavidade, cousas que tanto realcam nos quadros de quasi todos os grandes pintores hespanhóes d'aquelle seculo e, com especialidade, em Murillo, que foi inquestionavelmente, o primeiro. E não nos enganamos. Em todas as obras d'este grande artista encontra-se em toda a sua pureza o caracter da escola hespanhola, e nada lhes falta para serem perfeitas: arte de composição, sciencia anatomica, imitação fiel da natureza, sentimento, nobreza, suavidade, harmonia

do colorido, brilho, tudo, em sum, n'ellas se acha em profusão. E depois, Murillo não se contentava só com um genero de pintura. O seu flexivel talento levava-o para todos os lados: ora desenhava paisagens, flores, fructas, ora navios e vistas marítimas, assumptos historicos e essas scenas de rapazes pobres e miseraveis, que nas grandes cidades se dão tão frequentemente, e que elle, realmente, aproveitou com muita felicidade.

A nossa gravura, copia de um dos seus quadros que existe no collegio de Dulwich, na Inglaterra, intitulado «os dois rapazes,» atesta o que deixamos dito. Não carece de longa descrição; bem clara se mostra, á vista do expectador. É um grupo de dous *pícarillos*, dos quaes um está assentado no chão desafiando o outro para jogar a pella ou a bilharda, a ajuizarmos pelos instrumentos que tem junto de si. O garoto, que está de pé, mostra, pela bilha que tem na mão, que ia fazer algum recado; mas tão embaraçado ficou com a proposta que o outro lhe fez de jogar, que se esqueceu, até, de mastigar o pedaço de pão que metterá na boca. Não é menos interessante a posição do animal, que está namorando o bocado de pão que o rapaz tem em uma das mãos.

O QUADRILATERO

É Legnago, como já dissemos, a terceira praça do quadrilatero, situada sobre o Adige a 33 kilómetros e a juzante de Verona e quasi a igual distancia de Mantua. A povoação é pequena e não excede nove mil almas, sendo a area das fortificações mais extensa que a da cidade. Dois fortes isolados, duas cabeças de ponte nas margens direita e esquerda do Adige e uma cerca abaluartada constituem as fortificações da praça. O seu armamento era de 30 peças de Lahitte, 60 do sistema prussiano, 30 peças de sitio, 20 obuses, e 15 morteiros. Total 155 bocas de fogo. Como em Mantua, mas em proporções muito menores, a defesa da praça pôde reforçar-se por meio de inundações, abrindo comportas convenientemente dispostas no Adige. Apesar de tudo Legnago é a fortaleza menos importante do quadrilatero, e, verdadeiramente só tem valor pela ponte lançada no seu recinto entre os duas margens do Adige. Os austriacos, senhores de Legnago, dominam o curso do baixo Adige e podem à vontade passar de uma para outra margem, como mais convenha aos seus planos offensivos ou defensivos.

Verona, chave de toda esta formidavel fronteira militar, principal praça do quadrilatero e baluarte do dominio austriaco na Italia, está no sopé e na encosta dos ultimos prolongamentos dos Alpes para as planicies da Italia, na curvatura mais rapida do Adige, e guardando as gargantas por onde o rio sae das montanhas. Divide-a o Adige em duas partes ligadas por cinco pontes.

Na margem esquerda é o arrabalde chamado de Veronetta, assente n'uma ladeira aspera e apertada entre montes. É defendida por uma cerca construida segundo o antigo sistema de fortificação

italiana, com tres baluartes e precedida pelos fortes Scholl e Isabel. A cerca interior parte do Adige, corre na planicie, sobe pela encosta, reduzindo-se a uma simples muralha na face oriental; chegando ao alto dobra-se em angulo agudo e desce outra vez para o Adige por ladeiras abruptas. No vertice do angulo voltado para as alturas está o forte de San Felice, que domina toda a praça, mas é dominado pelos montes que continuam progressivamente a subir. Para protegerem este forte construiram os austriacos 5 torres isoladas nas alturas até a distancia de tres mil passos. Aqui é o ponto fraco da praça. De facto, a face oriental, n'uma extensão de tres mil metros, é defendida apenas por uma muralha simples e sem baluartes. Além disso, se os italianos tomassem posições nas alturas, poderiam sem grande dificuldade vencer as 5 torres isoladas e o forte San Felice, d'onde dominariam toda a cidade como os franceses em Malakoff dominavam Sebastopol.

A dificuldade, e dificuldade grandissima, consiste em poder tomar posições nas montanhas, e note-se tambem que o exercito atacante teria na rectaguarda Veneza tornada quasi inexpugnável pelos fortes de Malghera, Chiaggio, Malamocco e Lido.

No centro de todas as fortificações desta margem esquerda, abaixo do forte de San Felice, ergue-se o forte de S. Pedro, cujos fogos dominam aponte, a cidade, as muralhas e lhes serve de cittadella.

Ao occidente, n'um monte separado dos prece- dentes por um valle inclinado para o Adige, ha os 3 fortes de S. Mathias, S. Leonardo e Santa Sophia, ligados com as 5 torres e formando do lado occidental a primeira linha de defesa.

A cidade de Verona, propriamente dita, envolvida n'uma curvatura do Adige, é construida na margem direita e defendida ao occidente pela antiga cerca melhorada e aperfeiçoada. Formam-n'a 8 baluartes irregulares, com orelhões, escarpas pelo sistema de Carnot e esplanados a meio das cortinas para facilitar as sortidas. A contar da planicie de Verona, o terreno sobe em amphitheatre semi-circular coroado na parte culminante pelas aldeias de Chieva, Croce-Bianca, S. Massimo, Santa Lucia e outras. Parte do Adige uma linha semi-circular de 10 fortes isolados que, coroando o amphitheatre e descrevendo um semi-círculo extenso, vae morrer a juzante da cidade na margem do Adige. Estes fortes eram em 1848 fortificações passageiras de terra; hoje tem a consistencia e importancia de fortificações permanentes. Todas são armadas de peças de grosso calibre e sistema moderno e podem conter algumas companhias de guarnição. Distam 1000 a 1200 metros uns dos outros cobrindo com a rede dos seus fogos a planicie que se lhes dilata na frente; protegendo-se mutuamente. Todos tem caminho coberto e os fossos flanqueados por capoeiras. Na gola são fechados por parapeitos com canhoneiras voltadas para o interior.

Depois da guerra de 1839 que terminou na paz

de Villa Franca, construiram os austriacos por fóra desta linha de defesa outra que consta de cinco fortés, erguidos na planicie que precede o amphitheatro do lado da Italia. Assim tem Verona, na margem direita ou lombarda do Adige, 3 linhas de fortificações: os 5 fortés exteriores que cruzam os fogos na planicie, os 10 fortés que coroam o amphitheatro e o corpo da praça. No recinto das fortificações exteriores pôde facilmente abrigar-se um exercito de cem mil homens, e tanto é Mantua praça defensiva como Verona tem todos os caracteres de offensiva. Os exercitos que forem senhores da cidade podem facilmente sair para acosar o inimigo que se atrever a entrar no quadrilatero. O sistema das 4 praças do quadrilatero presta-se por isso a variadíssimas combinações estratégicas como exuberantemente demonstraram Radetzky em 1848 e o archiduque Alberto em 1866.

Todas as fortificações de Verona podem, segundo as melhores informações, jogar 76 peças do sistema Lahitte, 128 do sistema prussiano, 140 peças de sitio, 130 obuzes, 50 morteiros. Total 534 bocas de fogo.

Verona é tão formosa e pitoresca como Mantua triste e monotoná. Assenta a cidade na planicie aformoseada pelas suas muralhas antigas, pelas preciosas ruinas romanas que a cercam, por palacios e torres. Na margem opposta do Adige sobem pela encosta as casas brancas de Veronetta, os negros ciprestes de Giusti, as baterias dos fortés trepando pelas ladeiras do Monte Cimo, e dominando as extensas planicies italianas limitadas no horizonte pelos recortes da cadeia azulada dos Apeninos.

O interior da cidade não deslustra a nobreza do seu aspecto exterior. A poucas das formosissimas cidades da Italia cede Verona a palma, ornando-a o antigo castello da idade media, o circu romano, palacios elevados sobre porticos, os tumulos gothicós dos antigos barões feudaes, a Scalla, etc.

É grandioso o aspecto dos fortés, das baterias blindadas, dos perfis recortados, das fortificações modernas trepando em amphitheatro pelas montanhas.

Para terminar esta rapida descrição do quadrilatero mencionaremos ainda os reductos que defendem o caminho entre Verona e Legnago, os 4 fortés de Pastrengo, que defendem o desfiladeiro entre o Adige e o lago de Gorda e cortam o passo ao assaltante que, depois de tomar Peschiera, quizesse ir cortar a linha ferrea de Trento, a rectaguarda de Verona, e tomar esta praça de vez. Finalmente, a descrição não ficaria completa se não fallassemos das linhas ferreas que ligam as praças do quadrilatero, e das communicacões deste com o interior do imperio austriaco pelo Tyrol e pelo Veneto. É assumpto para outro artigo.

• HISTORIA DA ROSA

A rosa é a mais bella de todas as flores; a primavera reconhece-a como a rainha de todas as

sus filhas, e, até, nos mais remotos tempos a que alcança a historia foi sempre e em todas as partes a favorita dos poetas e das mulheres, o symbolo da formosura e do amor. É uma flor que nunca passa de moda.

Não nós é possivel dizer em que época da historia da terra nasceu a rosa. Baste-nos, porém, saber que ja adornava o jardim do Eden, e contentemos com o que a mythologia grega nos conta acerca da sua origem.

Anacreonte, o poeta grego, crê que a rosa nasceu, como Venus, do mar. Uma porção d'espuma que tinha ficado pegada ao corpo da deusa caio no chão e deu vida a uma roseira, cujas raizes se elevaram a grande altura para denotar com sua belleza o lugar do nascimento da deusa, enchendo de suave perfume o ar que Venus respirou pela primeira vez; a rosa, porém, era branca como a espuma do mar donde tinha saído. Segundo Ovidio e Bion, a sua cõr provem do sangue de Adonis, e segundo Aphtonio do da mesma deusa. Quando Adonis, apesar das supplicas da deusa, foi à caça do javali, que lhe roubou a vida, Venus apressurada para prestar-lhe auxilio, ferio um pé nos espinhos de uma roseira, e algumas gotas de sangue salpicaram a rosa, dando-lhe a cõr que ora tem e espargindo na atmosphera um odor agradavel. Segundo outros poetas, Cupido, jogando na mesa dos deuses, entornou o nectar que estava em um copo; o líquido humedeceu as rosas que estavam ali proximas, e deu-lhes a cõr que antes não tinham.

A crença mahometana supõe que a rosa foi produzida pelo suor do propheta, e por isso os turcos teem todo o cuidado em não a pisar nunca. A tradição india diz que Pagodasini, esposa de Vischnu, foi achada em uma rosa.

Voltando-nos para a Grecia, vemos que a rosa estava consagrada a varios deuses. Além de o estar a Venus, estava-o a Dionysos (Bacho), que não só era o deus da vide, mas tambem de toda a natureza florescente; tambem o estava a Diana de Epheso na qual se venerava a natureza infinita. Além disso, era o attributo das musas; Hymeneu e Como o deus do riso e da alegria, traziam coroas de rosas. A arte antiga representava a paz com um ramalhete de rosas, espigas e ramos de oliveira; emfim, a hora da primavera estava representada com uma rosa na mão.

Uma multidão de poetas religiosos e profanos indicam-nos em numerosas passagens quão estimada era a rosa ainda nos tempos mais antigos. Na Biblia vemos mencionada a rosa de Sabaron; « levemos coroas de ternas rosas...» diz o livro da Sabedoria. Homero descreve o escudo de Achilles adornado com rosas, e o cadaver de Heitor foi embalsamado por Venus com varios perfumes, entre os quais havia rosas. Sapho chamava á rosa a rainha das flores; Anacreonte dedicou-lhe uma das suas odes, e Theocrito comparava-a com o curso da vida humana. Virgilio cita-a varias vezes com prazer; Horacio e Catullo, Ovidio e Maciel mencionaram-na repetidas vezes.

A rosa era indigena em todo o mundo conhecido.

do dos romanos; não obstante, é provavel que se não conhecessem mais que as quatro classes principaes que se encontram ainda hoje na Grecia; uma d'estas classes era a de cem folhas, trazida à Europa por Alexandre Magno. As rosas mais belas eram as de Campania, as mais cheirosas as de Malta, as mais proprias para oleo as de Cyrene, mas, as mais celebres de todas eram as de Pestum; crescam ali em uma abundancia extraordinaria, florescendo duas vezes por anno. O viajante que visita hoje esta cidade de Pestum, só encontra ruinas grandiosas, mas em vão procuraria aquella flor, que não existe nem no mesmo jardim do bispo.

Os antigos serviam-se das rosas quasi sempre para fazerem coroas, umas vezes entremeiadas com mirtos e violetas e outras desacompanhadas de toda e qualquer outra flor; estas coroas usavam-se, principalmente, nos banquetes. As noivas romanas traziam tambem nua coroa de rosas e ramos de mimo debaixo do seu véu de purpura; tambem se punham coroas de rosas a todas as estatuas de deuses e de homens celebres, e com grinaldas de rosas se ornava a porta por onde entravam os generaes vitoriosos, e atravam-se-lhe ao carro lindos ramos d'ellas. Nas ceremonias fúnebres empregavam-se frequentemente as rosas; com elles cobriam a cabeça do defunto e ao deitar na urna os ossos reduzidos a cinza misturavam-lhe folhas e agua de rosas, para o que destinavam certas quantidades no testamento. Disposições d'esta classe eram então mui communs nos testamentos; em alguns ordenava-se que o anniversario do nascimento do defunto deveria ser celebrado plantando em cada anno tres mirtos e tres roseiras.

(Continua)

O amor não envelhece, morre criança.

ARSENE HOSSAYE

A linda poesia de João de Deus, que em seguida publicamos, devemol-a ao caracter obsequioso do nosso amigo o sr. Antonio Pereira Ferraz Junior, o qual, possuindo, engastada pela propria mão do auctor, essa magnifica perola no seu album, e havendo-lhe nós manifestado o desejo que tinhamos de com ella mimosearmos os nossos leitores, imediatamente e sem a mais leve hesitação nos facultou, até, para a copiarmos, o seu interessante livro.

E tambem só d'este modo poderíamos alcançar, facilmente, versos de um poeta tão distinto; porque, João de Deus, mui raras vezes tem lançado mão da penna com a ideia de que as suas produções vejam a luz da publicidade. Algumas poesias, poucas, que teem aparecido em diversos periodicos do paiz, e pelas quaes o seu nome se tornou geralmente conhecido e admirado, hão sido obtidas, ou de alguns dos seus amigos e condiscipulos que souberam apoderar-se dos bocadinhos de papel que o poeta, depois de n'elles ter disposto, por mera distracção, as brilhantes flores

do seu raro engenho, inutilisava com a maior indiferença; ou então d'aquelles que, como o sr. Ferraz, teem a fortuna de as possuirem nos seus albums. Não se julgue, porém, pelo que deixamos dito, que João de Deus tem escripto pouco: seria um engano. O numero das suas admiraveis poesias é infinito; mas, infelizmente, uma grande parte acha-se completamente perdida.

Fora superfluo tecer aqui encomios a João de Deus. A sua merecida reputação acha-se ja tão solidamente baseada, que tudo quanto procurassemos dizer em seu louvor seria, certo, abafado pela grande voz do publico.

Eis a poesia :

DESCALÇA

Quem és? que a gente vendo-te suspira
E em puro amor desfaz-se?
Raio crepuscular do sol, que nasce?
De lampada, que expira?

Como os teus pés são lindos! Como é doce
A curva do teu peito!
Oh! se o meu coração fosse o teu leito!
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
Teu meigo humido labio!
E, virgem! como Deus foi justo e sabio
Em te deixar tão pobre!

Não tens foso veludo onde se atole
Teu lindo corpo, ó bella!
Mas quando é bello o céo? bella uma estrella,
E quando é bello o sol?

Limpo de nuvens, nu, derrete a neve
E a aguia até desmaia!
Tu não tens mais do que uma pobre saia
E, essa, curtinha e leve!

Ingenua como a flor que nasce e cresce
Não para estar occulta
Onde o corpo te alteia a saia avulta,
Onde te abaixa, desce...

Encerram-se em ti mesma teus desejos,
De nada, flor! precisas!
E que eu nem seja o marmore que pisas...
Calçava-te de bejos!

JOÃO DE DEUS.

Los buenos sirven a buenos,
los viles quedan se a tras,
los dichosos valen mas,
y los desdichados menos,

LOPE DE VEGA — Peregrino.

Amor que pode crescer não é amor perfeito.

P. VIEIRA.